

R\$2

(11) 9.4101-1917



opiniaosocialista



www.opiniaosocialista.com.br



@opsocialista



Portal do PSTU



@opiniaosocialista

## VENEZUELANOS VÃO ÀS RUAS CONTRA A FRAUDE E A DITADURA DE MADURO

É preciso apoiar a luta do povo venezuelano, sem depositar nenhuma confiança na oposição de direita e se colocando contra qualquer interferência dos EUA

**PÁGINAS 8 A 10**



### ELEIÇÕES

Derrotar os bilionários,  
fortalecendo uma alternativa  
revolucionária e socialista

**PÁGINA 4**

### MARXISMO

Entenda o que  
significa ser  
socialista

**PÁGINAS 12 E 13**

### OLIMPIADAS

Protestos, emoção,  
e reacionários  
conservadores em fúria

**PÁGINA 16**

# páginadois

CHARGE



FALOU BESTEIRA

**“ Entregar a meta do arcabouço num ano em que o Plano Real completa 30 anos é importante ”**



Milton Maluhy, presidente do Itaú, em evento que anunciou que o banco teve um lucro de R\$ 10,1 bilhões, no segundo trimestre do ano, defendendo o Arcabouço que ameaça benefícios sociais de aposentados pobres, para garantir ainda mais lucros



MS

## Fazendeiros realizam ataque armado e ferem 11 indígenas

Dois ataques consecutivos de fazendeiros na região de Douradina (MS) feriram, a bala, 11 indígenas Guarani Kaiowá do Território Indígena Yvy Ajere, no final de semana de 3 e 4 de agosto. Dois deles foram atingidos na cabeça.

A investida dos fazendeiros ocorreu após um processo de retomada de territórios indígenas, cujas demarcações estavam estagnadas, em julho. Como reação, os fazendeiros montaram um acampamento próximo ao território e passaram a ameaçar os indígenas. No dia 14 de julho, um indígena já havia sido baleado na perna.

O ataque dos jagunços ocorreu após a retirada da Força Na-



cional de Segurança, ligada ao Ministério da Justiça. Segundo a Comissão Indigenista Missionária (Cimi), os policiais chegaram a avisar um dos indígenas: “Pega seu povo e sai daqui ou vocês vão morrer”.

Com caminhonetes, tratores,

rojão e disparos de arma de fogo, os fazendeiros investiram contra os indígenas. Utilizaram a fumaça para disparar e atingir os indígenas. Além de ferir várias pessoas, os jagunços incendiaram barracos e destruíram objetos sagrados.

CENSURA

## Justiça tirou do ar “Diário do Centro do Mundo” por denúncias contra deputada bolsonarista



O Tribunal de Justiça do Tocantins determinou, neste dia 7 de agosto, a derrubada do site de notícias “Diário do Centro do Mundo” (DCM). A retirada do ar do portal se deu a pedido da deputada estadual bolsonarista Janad Valcari, do PL, e pré-candidata à Prefeitura de Palmas.

O processo ocorre devido a uma nota no site, sobre inves-

tigações envolvendo um suposto esquema entre prefeituras e o grupo Barões da Pisdinha, da qual a deputada foi empresária até dezembro. Suspeita-se que a deputada encaminhava emendas às prefeituras que contratavam shows do grupo. Nesta triangulação, teriam sido movimentados pelo menos R\$ 23 milhões.

A justificativa da Justiça para o bloqueio total do portal se deve a supostos pedidos recorrentes para a retirada da matéria. O portal, por outro lado, nega que tenha recebido qualquer notificação judicial. Impossibilitado “tecnicamente” de bloquear um link, o Tribunal determinou o absurdo da retirada integral de todo o site.

“A decisão que levou o site inteiro do DCM a sair do ar expõe a situação precária de segurança jurídica a que estão submetidos jornalistas e meios de imprensa. A decisão tem também um efeito intimidatório e inibe o trabalho da imprensa em todo o país”, afirma nota da Coalizão em Defesa do Jornalismo.



## Expediente

**Opinião Socialista** é uma publicação quinzenal da Editora Sundermann.

CNPJ 06.021.557/0001-95 / Atividade Principal 47.61-0-01.

**JORNALISTA RESPONSÁVEL** Mariúcha Fontana (MTb14555)

**REDAÇÃO** Diego Cruz, Jeferson Choma, Luciana Cândido

**DIAGRAMAÇÃO** Luciano Lasp

**IMPRESSÃO** Gráfica MarMar

**CONTATO**

### FALE CONOSCO VIA WhatsApp

Fale direto com a gente e mande suas denúncias e sugestões de pauta



**(11) 9.4101-1917**

**opiniao@pstu.org.br**

Av. Nove de Julho, 925. Bela Vista - São Paulo (SP). CEP 01313-000



# O lucro dos bancos mostra para quem Lula governa

**S**empre quando os trabalhadores exigem mais salários, mais empregos e mais direitos sociais, como Saúde e Educação públicas, a grande imprensa capitalista, as grandes empresas e os governos dizem que o problema é que não há dinheiro. O governo Lula diz que o país precisa crescer e o capitalismo se desenvolver, para, aí sim, dividir o bolo com os trabalhadores e trabalhadoras. Será que isso é verdade?

Há expectativa de certo crescimento econômico no país. Ou seja, as medidas adotadas pelo governo, de fato, estão estimulando os negócios capitalistas. O problema é quem se beneficia disso. Mesmo quando há uma relativa diminuição do desemprego e crescimento econômico, os salários seguem desvalorizados e direitos são questionados. E já se fala da necessidade de fazer uma nova Reforma da Previdência.

Mais de R\$ 500 bilhões são distribuídos aos bilionários, como até mesmo Lula reconheceu. Mas, o que ele faz sobre isso? O governo prevê cancelar 11% dos beneficiários do Benefício de Prestação Continuada (BPC), deixando de pagar mais de R\$ 7 bilhões à população mais pobre.

## TIRANDO DOS POBRES PARA BENEFICIAR OS BILIONÁRIOS

O governo diz que é para combater fraude. Claro, as fraudes devem ser combatidas. Mas, o governo está usando essa desculpa para tirar esse dinheiro da população mais pobre e utilizá-lo para dar benefícios fiscais às empresas bilionárias ou para o pagamento dos títulos da dívida aos banqueiros. Se o governo economiza combatendo “fraude”, que redistribua este dinheiro para os mais pobres.

Esta é uma demonstração do que significam o Arcabouço Fiscal e a Reforma Tributária, apresentados como soluções para os problemas econômicos do país, mas que fortale-



cem as grandes corporações capitalistas e garantem que os bilionários continuem a lucrar, enquanto a classe trabalhadora enfrenta cortes em áreas sociais como Saúde e Educação.

Enquanto isso, o Secretário Executivo do Ministério da Fazenda, Dario Durigan, que está à frente do ministério nas férias de Haddad, afirma que o Arcabouço será cumprido “custe o que custar”. Ou seja, não importa o quanto os trabalhadores sofram.

A realidade vem mostrando que os grandes monopólios capitalistas seguem ganhando bilhões de lucro. Recentemente, foram divulgados os dados trimestrais das empresas listadas na Bolsa. Os bancos Itaú e Bradesco registraram lucros de R\$ 10 bilhões e R\$ 4 bilhões, respectivamente, no último trimestre. O Santander lucrou R\$ 3,33 bilhões; a Vale abocanhou R\$ 8,9 bilhões; e o lucro da Weg chegou a R\$ 1,44 bilhões. Podermos citar muitas outras.

Para onde vão esses lucros? A maior parte deles vai para o bolso dos donos e dos acionistas. Grande parte nem mora no Brasil. São os grandes bilionários capitalistas imperialistas dos países ricos.

Até julho, as remessas de lucros e dividendos para o exterior atingiram US\$ 20,735 bilhões, mais de R\$ 100 bilhões. Mesmo valor que o banco JP Morgan prevê que a Petrobras distribuirá aos seus acionistas.

A subordinação do Brasil ao imperialismo, em particular dos EUA, impede qualquer avanço real nas condições de vida dos trabalhadores. Não apenas sugam as riquezas naturais, exploram os trabalhadores e remetem o lucro para o exterior, mas fazem isso ampliando a monopolização.

Estudo divulgado pelo portal “Intercept” mostra que, em 2019, os 200 maiores grupos empresariais controlavam 63,5% do PIB brasileiro. As seis maiores empresas de Saúde controlam outras 192 empresas. Os lucros dos planos de saúde, por exemplo, somaram R\$ 3,3 bilhões, só no primeiro trimestre de 2024. Isto é fruto da ampliação da privatização da Saúde em nosso país.

## EXPROPRIAR OS BILIONÁRIOS

Imagine se, ao invés de servir ao lucro dos acionistas, essas 200 grandes empresas

fossem dos trabalhadores e do povo, e se usássemos esse lucro para atender as necessidades do Brasil, seja para o real desenvolvimentismo do país, seja para o atendimento das reivindicações dos trabalhadores e a ampliação dos direitos sociais. Não teríamos a crise fiscal nem os problemas do mercado cobrando arrancar o coro dos trabalhadores.

Para isso, é preciso tirar as empresas das mãos dos bilionários capitalistas. Ou seja, expropriá-las. Para que sejam colocadas nas mãos dos trabalhadores, as empresas devem ser do Estado. Mas, não desse Estado atual, controlado pelos bilionários; mas de um Estado construído pelos próprios trabalhadores e trabalhadoras, que governem através de conselhos populares.

Então, teríamos que ter uma verdadeira democracia dos trabalhadores, com seus organismos controlando e decidindo os rumos do Estado e destas empresas. Este seria, de fato, um programa socialista para derrotar os bilionários capitalistas, de verdade, e mudar o país.

E apesar do que Lula fala, ele segue governando com e

para os bilionários capitalistas. Ao contrário do que diz a ultradireita, Lula não tem nada de socialista ou anticapitalista.

## AQUI OU NA VENEZUELA, GOVERNAR COM E PARA A BURGUESIA ALIMENTA A ULTRADIREITA

Os bolsonaristas e a ultradireita são os representantes de um setor mais reacionário, ditatorial e violento dos bilionários capitalistas. Um setor que tem um programa para aprofundar a exploração e a opressão. São um perigo para os trabalhadores e precisam ser derrotados de uma vez por todas.

Por isso mesmo, se, de fato, queremos enterrar o bolsonarismo e a ultradireita, é preciso enfrentar os bilionários capitalistas e não governar junto com eles. Lula acabou de convidar Biden para uma aliança em defesa da democracia e contra a ultradireita.

Mas, convenhamos, quem acredita que o presidente dos EUA, o bastião de golpes, das guerras e das medidas autoritárias contra a América do Sul, através de sua rapina imperialista, pode ser aliado de alguém para enfrentar a ultradireita golpista e autoritária?

Vejamos o exemplo da Venezuela de Maduro. Décadas de um governo que se dizia de esquerda, mas que governou durante todo este período para um setor burguês – a chamada “boliburguesia” –, alinhado com o imperialismo chinês e russo, e levou a uma ditadura capitalista, dirigida por um partido que se diz de esquerda, mas que cumpre o papel de desmoralizar os trabalhadores, além de reabilitar os setores burgueses capitalistas da elite venezuelana, vinculados ao imperialismo dos EUA.

A Venezuela mostra que não há caminho para a esquerda caso ela se mantenha administrando o capitalismo. E, também, como esta postura, além de levar fome, miséria e repressão aos trabalhadores, ainda alimenta a própria direita e ultra direita.

## ELEIÇÕES MUNICIPAIS

# Para derrotar os bilionários capitalistas nas cidades e no Brasil, fortalecer uma alternativa revolucionária e socialista

 JÚLIO ANSELMO,  
DA REDAÇÃO

**S**ó os trabalhadores e as trabalhadoras sabem o quanto duro é tocar a vida diante das dificuldades que encontramos nos municípios. Faltam hospitais, leitos e médicos. As escolas sofrem, jogadas às traças, com professores mal remunerados, enquanto avançam no projeto de militarização, que piora o ensino para aumentar a opressão de alunos, professores e pais (leia mais na página 7).

A falta de emprego, lazer e cultura para a juventude é flagrante. Espaços culturais ou de lazer estão concentrados nas áreas nobres, com preços proibitivos para quem tem que trabalhar para se sustentar. Enfim, as cidades não oferecem nada à juventude, a não ser o desespero para quem tem que conciliar estudo e trabalho, massacrado numa escola precária e num trabalho mal remunerado, sem direitos, suscetível à opressão e à violência da polícia ou do crime.

### TIRAR O DINHEIRO E A CIDADE DOS BILIONÁRIOS

As cidades atuais só funcionam para os bilionários capitalistas. É onde os negócios fluem. Controlam desde as em-



presas de transporte público às construtoras que atuam na especulação imobiliária, tomando conta das partes nobres da cidade e despejando os trabalhadores pobres para longe.

Não estamos falando dos

doreadores dos fundos de pensão, dos grandes banqueiros e das grandes empresas capitalistas que dominam o nosso país.

Menos de 0,01% da população fica com toda a riqueza produzida por nós, trabalha-

te é formado pelos donos das grandes empresas que controlam a economia do país, dominam a política nacional e, também, formatam a cidade aos seus interesses e negócios.

Por isso, ao mesmo tempo que há o Arcabouço Fiscal do governo Lula, exigindo enxugamento de verbas das áreas sociais, há aumento da pressão pela privatização das escolas, dos hospitais e das empresas públicas, como Sabesp (saneamento e água), como faz o governador bolsonarista de São Paulo, Tarcísio Freitas (Republicanos).

### “ OS BILIONÁRIOS CONTROLAM A ECONOMIA DO PAÍS, A POLÍTICA E, TAMBÉM, FORMATAM A CIDADE AOS SEUS INTERESSES E NEGÓCIOS ”

donos das pequenas lojas, da padaria ou do barzinho da esquina. Mas, sim, dos donos das empresas bilionárias, dos fundos imobiliários, dos controla-

dores e trabalhadoras. Segundo a revista “Forbes”, no Brasil são 62 bilionários com mais 1 bilhão de dólares (R\$ 5,6 bilhões). Esse punhado de gen-

### CANDIDATURAS DO PSTU: EM DEFESA DE QUE A CLASSE TRABALHADORA CONTROLE AS CIDADES

O foco das candidaturas do PSTU nesta eleição é mostrar como, para ter uma cidade a serviço dos trabalhadores, é preciso derrotar os bilionários capitalistas e não governar em aliança com eles. Se são os trabalhadores e trabalhadoras que produzem toda a riqueza na cidade, por que esta riqueza não pode ser usada e controlada por eles e elas próprios?

Evidente que pode. Mas, para isso, seria preciso tirar o dinheiro desses bilionários, que, só por serem acionistas e donos dos grandes monopólios capitalistas, controlam a economia e também a política das cidades e do país.

Seria possível termos cidades com tarifa zero nos transportes; moradias populares para todos e todas que necessitam, tirando as pessoas da situação de rua e lhes oferecendo emprego digno e salário justo. Cidades onde houvesse acesso a emprego, Educação e lazer para a juventude e garantia de Saúde pública e de qualidade.

### OPOSIÇÃO DE ESQUERDA E SOCIALISTA

## Mudar a cidade e combater a ultradireita de forma coerente

Qual candidatura está se propondo a enfrentar os bilionários capitalistas de verdade? Do bolsonarismo e da ultradireita não se espera nada. Defendem abertamente os interesses dos grandes bilionários capitalistas, as privatizações e os ataques aos trabalhadores. Representam o que há de pior na burguesia brasileira e internacional. Têm um projeto, inclusive, de ditadura militar para o país.

Lula e o PT dizem, da boca para fora, que querem colocar o pobre no orçamento e cobrar mais imposto do rico. Mas, o Arcabouço Fiscal proposto e aplicado por ele tem a lógica oposta. Por isso, na prática, o governo faz o contrário do que diz.

Governam com e para os bilionários capitalistas que estão ganhando muito dinheiro com o Arcabouço e todo tipo de benefícios fiscais. Se re-

almente quisessem priorizar o pobre no orçamento, seria preciso não só dizer isso, mas fazer, acabando com o Arcabouço Fiscal e enfrentando os bilionários capitalistas. E não governando em aliança com eles.

O PT diz que merece seu apoio porque eles apresentam, com a política de Frente Amplia com os capitalistas, a única alternativa viável contra o bolsonarismo.

Mas o fato de que o PT esteja apoiando candidaturas de direita em 37 cidades é prova do nível de sua adaptação à ordem capitalista e mostra como não conseguem, de fato, sequer combater a ultradireita.

Na verdade, ao administrar o capitalismo, contribuem com a desorganização dos trabalhadores e a desmobilização de ativistas, ajudando o bolsonarismo.

Uma candidatura com um programa contra os bilionários capitalistas, para garantir os interesses dos trabalhadores e trabalhadoras nas cidades e, inclusive, para combater de forma coerente a direita bolsonarista, precisa se posicionar como de oposição de esquerda e socialista ao governo Lula, fortalecendo uma alternativa de independência de classe, revolucionária e socialista.

SÃO PAULO

# PSTU oficializa pré-candidaturas às eleições municipais

Convenção, realizada em 3 de agosto, reafirmou Altino para a Prefeitura e um time de candidaturas socialistas à Câmara Municipal

DA REDAÇÃO

**A** classe trabalhadora e a população pobre e oprimida de São Paulo terão uma alternativa nestas eleições. Sob o lema “Contra os bilionários capitalistas, uma alternativa revolucionária e socialista dessa vez”, o PSTU oficializou, no último dia 3, o time que apresentará um programa e uma estratégia para que os trabalhadores e a juventude não fiquem reféns da extrema direita, encabeçada nestas eleições pelo atual prefeito, Ricardo Nunes (MDB), ou da velha política de conciliação com a burguesia, representada por Guilherme Boulos (PSOL).

Estiveram presentes operários, trabalhadores dos Correios, condutores, metroviários, bancários, professores da rede pública, ativistas por moradia, incluindo imigrantes haitianos, bolivianos e venezuelanos, além de estudantes e jovens periféricos.

## ALTINO PREFEITO...

O metroviário Altino Prazeres, reconhecido lutador da categoria, que chegou a ser demitido pelo governo Tarcísio de



Da esquerda para a direita: Gábs e Mandi, Professora Flavia, Altino Prazers, Silvana Garcia e Professor Lucas

Freitas (Republicanos) na luta contra a privatização do Metrô e da Companhia de Saneamento Básico do Estado de São Paulo (Sabesp), mas foi readmitido após uma intensa mobilização, encabeçar a chapa do PSTU à prefeitura da cidade.

A candidatura à vice-prefeita ficará a cargo de Silvana Garcia, mulher negra e LGBTI+, lutadora socialista e por direito à moradia, residente do Jardim União, ocupação na Zona Sul da cidade, que

recentemente, após mais de 10 anos de luta, conquistou sua regularização fundiária.

Altino demarcou sua oposição à candidatura de extrema direita de Nunes, apoiada por Bolsonaro, e ao projeto de conciliação com os bilionários, encabeçado, na capital, por Boulos junto ao PT.

“Somos contra esse projeto bolsonarista de Nunes, que não representa os interesses da população; mas, sim, os interesses dos bilionários e das

grandes empresas”, afirmou. “Já Boulos é considerado de esquerda, mas se juntou ao PT que, no governo federal, é responsável por esse Arca-bouço Fiscal que vai reduzir os gastos com Educação e Saúde”, também pontuou.

## ... SILVANA VICE

Já Silvana reforçou a luta por moradia, contra a política de Nunes de governar para as grandes empresas e a especulação imobiliária; mas, di-

ferente de Boulos, sem tentar conciliar com os bilionários, abrindo mão de um programa da classe trabalhadora.

“A candidatura do PSTU vai defender a luta por moradia, sem abrir mão da radicalidade ou ficando a favor de uma São Paulo dos ricos. Fazemos parte da luta contra os despejos, estamos a favor de expropriar milhares de imóveis vazios utilizados para a especulação imobiliária, estamos a favor de tirar o dinheiro e o poder dos bilionários capitalistas e mexer nos lucros dos grandes empresários, para garantir moradia ao povo pobre”, defendeu Silvana.

## CÂMARA MUNICIPAL

Completam o time das candidaturas do PSTU às eleições da capital paulista a Professora Flávia Bischain, trabalhadora da Educação estadual na Brasilândia, na Zona Norte da cidade; o também professor Lucas, educador da rede municipal, na Zona Sul; e a candidatura coletiva da juventude “Romper o Poder: Socialistas contra o poder capitalista”, composto por Mandi Coelho e Gabriel, o Gábs, da Juventude Rebeldia e também representantes das lutas LGBTI+ e negra.

## BELÉM (PA)

### Well é oficializada como pré-candidata à prefeita



No dia 2 de agosto, dezenas de filiados e militantes do PSTU, ativistas e representantes de organizações políticas compareceram à convenção eleitoral do PSTU em Belém, que foi realizada no auditório do Sindicato dos Trabalhadores da Construção Civil, oficializando a candidatura da trabalhadora negra e socialista Well Macêdo, à prefeita, e do jovem Airton Palmerim, como vice.

Seu Alex, operário da construção civil e homem trans, e Socorro Gomes, professora aposentada da Educação Básica da rede estadual, são candidatos a vereadores.

## PORTO ALEGRE (RS)

### Convenção confirmou o nome de Fabi Sanguiné à prefeita

A convenção municipal em Porto Alegre, realizada em 27 de julho, confirmou o nome de Fabi Sanguiné, servidora municipal da Saúde, como candidata à prefeita, e do professor da rede estadual de ensino, Regis Batista Ethur, como vice. O evento foi realizado no auditório do Centro dos Professores do Estado do Rio Grande do Sul (CPERS), que ficou lotado, com a presença dos filiados e militantes do PSTU e de ativistas de diversas frentes de lutas.

Para a Câmara Municipal, o PSTU apresentará a chapa coletiva formada por Nikaya Vidor, mulher trans, jovem e bancária, e Alexandre Nunes, negro, trabalhador dos Correios e dirigente do Sindicato da categoria.



MARANHÃO

# “É uma vitória em honra daqueles que tombaram na luta e derramaram seu sangue em prol dessa luta”

JEFERSON CHOMA,  
DA REDAÇÃO

**O** Maranhão é recordista em conflitos agrários no campo brasileiro. Uma das regiões mais conflitantes é a Baixada Maranhense, parte da Amazônia Legal brasileira. Formada por lagos e campos sazonavelmente alagáveis, a Baixada abriga territórios quilombolas, indígenas e campesinos, cujos modos de vida são caracterizados pela agricultura de subsistência; a pesca, realizada nos inúmeros lagos da região, e os campos, utilizados coletivamente pelas comunidades.

Contudo, nos últimos anos esses territórios estão sendo ameaçados pela expansão da criação de búfalos, pelo cercamento realizado ilegalmente por fazendeiros e grileiros de terras e por projetos defendidos pelos governos. O governador Carlos Brandão (PSB) sancionou o que tem sido chamada de “Lei da Grilagem”, favorecendo os latifundiários e, ainda, suspendendo a regularização fundiária das terras tradicionalmente ocupadas pela população quilombola e demais comunidades campesinas tradicionais.

Um dos conflitos mais graves da Baixada ocorre na comunidade de Flexeiras, no município de Arari, onde, desde

2018, os camponeses lutam contra o cercamento e a grilagem. A reação dos latifundiários foi sanguinária e lideranças foram assassinadas. Mas, recentemente, a comunidade obteve uma importante e exemplar vitória, quando o Poder Judiciário reconheceu a posse camponesa do território.

O **Opinião Socialista** entrevistou Iriomar Teixeira, do movimento Fórum e Redes de Cidadania do Maranhão e advogado dos camponeses, que nos explicou a situação.

**A Justiça reconheceu a posse dos camponeses sobre os territórios da comunidade de Flexeiras, em Arari, na Baixada Maranhense. Por que isso é importante?**

Iriomar Teixeira - Porque reconhece um direito já sedimentado na consciência do povo camponês de Flexeiras, em Arari. É um reconhecimento daquilo que os camponeses já têm plena consciência, porque já estão lá há séculos e vivem da terra. Moram e produzem nessa terra.

É importante porque o próprio Estado reconhece, através do Poder Judiciário, que é um poder distante do povo, um lugar de privilégio. Esse reconhecimento veio agora, por meio da Vara

Agrária, que é uma vara, aqui no Maranhão, especializada em conflitos fundiários coletivos. É o reconhecimento da voz dos camponeses, da posse legítima dos camponeses.

Mas, esse reconhecimento é fruto de muita luta das organizações do povo, que lutaram por seis anos. Foram muitas as lutas. Mobilizações e atos das comunidades, denunciando a invasão do latifúndio, e, ao mesmo tempo, reclamando dos poderes do Estado.

**Nesses seis anos, teve muita luta e organização dos camponeses e um forte enfrentamento contra muitas autoridades. Houve, inclusive, assassinatos, tentativas de assassinatos, criminalização e a prisão de dezenas de camponeses. Conta para a gente um pouco essa história.**

Como é recorrente no Brasil, a comunidade foi vítima da grilagem de terras. Aqui, foi isso. Um homem chamado Raimundo Nonato, latifundiário bastante conhecido na Baixada Maranhense, promoveu essa grilagem.

Houve a invasão da terra dos camponeses e, ao mesmo tempo, essa pessoa acionou o Estado, dizendo que aquela posse era dele. E, num primeiro momento, o juiz da Comar-



ca de Arari concedeu uma liminar de manutenção de posse em favor deste grileiro e mandou uma grande quantidade de policiais, que invadiram a comunidade para que os camponeses não tivessem acesso à área. Isso foi no início de 2018.

Mas, mesmo assim, o povo não se intimidou nessa luta. Resistiram e não baixaram a guarda. Enfrentando situações e realidades muito parecidas com a de Flexeiras, essa resistência foi se espalhando no território da Baixada Maranhense porque outras comunidades também foram se encorajando com esse exemplo dado pelo Povoado de Flexeiras.

As autoridades de Arari não deram nenhum encaminhamento às nossas denúncias. Começou a ter um processo de criminalização muito grande das comunidades, das lideranças e dos lutadores. Em quatro anos, foram oito ataques que terminaram no homicídio de seis camponeses. Foi um banho de sangue, na verdade. Por isso, essa vitória significa tanto. É uma vitória em honra da

queles que tombaram na luta e derramaram seu sangue em prol dessa luta.

**E como os movimentos camponeses, quilombolas e indígenas do Maranhão devem reagir à lei do governador Carlos Brandão que entrega o que ainda restam de terras públicas no estado?**

Primeiro, é derrotá-la. Não tem outra forma. E o governo já deu demonstração de que não vai revogá-la com o diálogo. A única forma de se derrubar a lei é através da pressão popular. Os movimentos populares, especificamente aqueles que atuam no campo maranhense, devem assumir isso como uma bandeira e pressionar o governo até que a lei seja revogada. Ou, então, as consequências serão drásticas, aqui. Com o aumento dos conflitos, dos assassinatos, das ameaças e das milícias que têm crescido no campo.

**SAIBA MAIS!**



Leia a entrevista completa no Portal do Opinião Socialista

**MILITARIZAÇÃO**

# Tarcísio quer fazer dentro das escolas o que já faz nas periferias de São Paulo

 PROFESSORA FLAVIA BISCHAIN E CRISTIANE BANHOL, DE SÃO PAULO (SP)

**S**em debate democrático e com um projeto declarado inconstitucional pela Advocacia Geral da União (AGU), o governador de São Paulo, Tarcísio de Freitas (Republicanos), segue tentando impor o programa de escolas cívico-militares no estado. A truculência começou já na aprovação do projeto na Assembleia Legislativa (Alesp), realizada sob forte repressão.

Às vésperas das férias de julho, o governo paulista publicou uma lista com 2 mil escolas elegíveis, que poderiam ser indicadas exclusivamente

por seus diretores, sem nenhuma consulta à comunidade. A medida gerou protestos e foi rechaçada por 1700 dessas escolas. Para as 302 restantes, a Secretaria da Educação começou uma consulta (completamente “fake”) à comunidade, com votação virtual e um processo totalmente controlado pelas direções das escolas.

## IGUALZINHO AOS TEMPOS DA DITADURA!

Para o projeto, serão contratados policiais da reserva, que receberão entre R\$ 6 a R\$ 9 mil, acrescidos aos seus sa-

ários, e serão responsáveis por desenvolver atividades “extra-curriculares”, com aulas de “valores cidadãos”, ética, democracia e política. Os estudantes terão que bater continência e cantar o Hino Nacional diariamente. Um projeto arcaico, dos tempos da ditadura, ressuscitado pela limitada democracia dos ricos.

Para impedir que o debate desmascare as mentiras do governo, as direções (e até mesmo a polícia) estão tentando dificultar a discussão.

Foi o que aconteceu, por exemplo, quando militantes do “Rebeldia” foram surpreendidos por policiais armados, que saíram de uma viatura para



Tarcísio lança em cerimônia projeto das escolas cívico-militares Foto Governo/SP

tentar constranger uma panfletagem na Escola Estadual Raquel Assis Barreiros, na Vila Nova Cachoeirinha, na Zona Norte. Em outra escola, tam-

bém da capital, houve um comunicado proibindo professores e funcionários de expressarem suas opiniões aos estudantes e pais sobre o tema.

PT

## Militarização não é exclusividade da extrema direita

Quando descontinuou o programa, em 2019, o governo Lula não acabou com as escolas cívico-militares. Na verdade, o decreto de Lula apenas exime a responsabilidade do governo federal, deixando a cargo dos estados e municípios a criação de seus próprios programas. Desde então, país afora o número de escolas cívico-militares subiu de 213, em 2020, para mais de 800, em 2023.

Governos petistas como os do Piauí (Wellington Dias) e da Bahia (então governada por Rui Costa) tiveram seus próprios programas de militarização. Em 2019, a Bahia chegou a ser o estado que implantou maior número de escolas desse tipo.

## QUESTÃO DE CLASSE

# Aos filhos dos ricos, Educação. Para os pobres, militarização



Protesto contra projeto de militarização da educação

O candidato à reeleição na prefeitura de São Paulo, Ricardo Nunes (MDB), quer implantar escolas cívico-militares no município e, sintomaticamente, indicou o coronel Ricardo Mello Araújo, das Rondas Ostensivas Tobias Aguiar (Rota), como vice em sua chapa. É o mesmo militar que já defendeu que a abordagem dos policiais nos bairros “nobres” dos Jardins tem que ser diferente das intervenções nas periferias.

Essa “abordagem diferen-

ciada” também é aplicada nas escolas periféricas. No início deste ano, estudantes da Escola Estadual João Solimeo, na Brasilândia, foram atropelados por uma viatura e conduzidos ilegalmente para a delegacia, por protestarem contra o fechamento de salas de aula. E este não foi um caso isolado.

Em 2016, na periferia da Zona Oeste da cidade, policiais já haviam reprimido violentamente um protesto pacífico dos

estudantes da Escola Estadual Marilena Chaparro. Em julho de 2023, um estudante negro da Escola Estadual Manoel Bandeira, em Perus, foi abordado violentamente por um policial dentro de sua escola.

## CAMPO FÉRTIL PARA RACISMO, MACHISMO, LGBTIFOBIA E CAPACITISMO

O projeto especifica que seu objetivo é atender as escolas de “regiões vulneráveis” (ou seja, periféricas), evidenciando seu caráter classista e racista. Além disto, sobram evidências de que a medida irá priorizar o machismo, a LGBTIfobia e o capacitismo.

Os estados que já implantaram o projeto estão repletos de casos assim. Há relatos de proibição de usar penteados que revelem qualquer identidade racial; restrições à maquiagem, piercings e unhas coloridas. A padronização imposta pelas fardas e cortes de cabelo

também é mais uma violência. E não para por aí.

Em uma escola cívico-militar de Goiás, um estudante autista teve seu cabelo cortado contra a sua vontade. No Paraná, uma mãe ouviu que seu filho deficiente não tinha o “perfil” para estar ali. No Distrito Federal, um painel do Dia da Consciência Negra foi censurado e uma aluna foi presa e fichada por desacato ao questionar a arbitrariedade. No Amazonas, somente em 2019, mais de 120 denúncias de assédio sexual, moral e violência estavam sendo investigadas pelo Ministério Público.

Enquanto fechávamos esta edição a Justiça havia suspenso, através de liminar, o projeto, fruto da pressão do movimento e da opinião pública. Mas o Estado deve recorrer, o que reforça a necessidade de lutarmos para enterrar de vez esse projeto autoritário.

## ABAIXO À MILITARIZAÇÃO

### Polícia nas escolas não é a solução!

É preciso unificar estudantes, professores e a comunidade para derrotar esse projeto! Escola não precisa de polícia, precisa de mais investimento, funcionários e professores valorizados, respeito à autonomia, à liberdade e à diversidade, e um ensino voltado para a formação científica, crítica e completa para todos. O projeto capitalista de Educação vai cada vez mais na contramão de tudo isso. Por isso, defender a Educação é, também, defender a construção de uma alternativa socialista para o Brasil e o mundo.



VENEZUELA

# Contra a fraude eleitoral de Maduro, todo apoio à luta dos trabalhadores

É preciso se colocar contra qualquer tipo de intervenção dos Estados Unidos e não depositar nenhuma confiança ou apoio político à oposição burguesa de Maria Corína e Edmundo González.



DA REDAÇÃO

**A** proclamação do resultado das eleições na Venezuela, sem uma apuração democrática, transparente e verificável, desatou uma série de protestos espontâneos na capital Caracas e em todo o país contra a ditadura comandada por Maduro. Uma dura repressão se abateu contra os manifestantes, tachados de “terroristas”. Entre 29 de julho e 6 de agosto, segundo o próprio governo, mais de 2 mil pessoas foram presas, e 24 foram mortas, segundo a ONG venezuelana Provea.

A suposta vitória de Maduro foi anunciada pelo Conselho Nacional Eleitoral (CNE). No entanto, o órgão nunca apresentou as atas eleitorais, que têm a totalização dos votos de cada urna, semelhantes aos boletins de urna, no Brasil.

Pelo contrário, no dia da

votação, o Conselho denunciou um “ataque cibernético” que teria inviabilizado a contagem dos votos até o fim, mas correu para anunciar o resultado, cuja tendência seria “irreversível”. O CNE, as Forças Armadas e todas as instituições do Estado são controlados e acatam as ordens do governo Maduro.

## FRAUDE A SERVIÇO DE UMA DITADURA

O que ocorreu no dia 28 de julho na Venezuela foi uma fraude escancarada. Fosse legítimo o resultado anunciado pelo regime, o governo teria divulgado as atas ainda no próprio dia das eleições. Isso é corroborado pelo expresso sentimento da maioria da população venezuelana, que rechaça esse regime e o governo de plantão.

Os protestos que tomaram conta do país, inclusive em antigos bastiões chavistas, ex-



pressam a verdadeira vontade popular: dar um basta à ditadura e à política de fome, ainda que isso se reflita distorcidamente numa candidatura burguesa (Edmundo González, indicado por Maria Corína, da Plataforma Democrática Unitária, o PDU).

Uma candidatura pró-imperialista que, caso governe, vai continuar jogando a crise nas

costas da população. Isso também acontece porque o governo Maduro persegue, cassa e processa dirigentes e partidos de esquerda, impedindo a organização de uma alternativa da classe trabalhadora.

A repressão e a perseguição implacáveis do governo, sobre tudo sobre os setores mais pobres, por sua vez, reafirmam que o que há, hoje, na Vene-

zuela, é uma ditadura. Para continuar gerenciando o capitalismo, o governo Maduro persegue e reprime todo o tipo de oposição, principalmente os ativistas e lideranças sociais. Há, hoje, centenas de dirigentes classistas e populares presos ou processados, além das 2 mil pessoas presas em uma semana, por protestarem contra a fraude.

## CARTAS MARCADAS

# Um processo eleitoral viciado desde o início

Desde o início, as eleições foram uma fraude. A principal opositora, representante de um setor da burguesia pró-imperialista contrária ao regime, María Corina, foi declarada inelegível. Sua sucessora, Corina Yoris, também teve sua candidatura impedida pelo CNE.

Depois, o regime de Maduro aceitou a indicação de Edmundo González, por achar que não seria ameaçado por um desconhecido. Porém, o desgaste e a raiva do povo contra o governo são tão grandes que mesmo um candidato pouco conhecido e aliado dos grandes grupos capitalistas dos EUA conseguiu catalisar esse rechaço.

Mais do que a oposição burguesa, porém, a esquerda também foi perseguida e proscrita pela ditadura, como

denuncia a Unidade Socialista dos Trabalhadores (UST), seção da Liga Internacional dos Trabalhadores-Quarta Internacional (LIT-QI) e partido-irmão o PSTU na Venezuela.

Mesmo partidos aliados de primeira hora do chavismo, como o Partido Comunista da Venezuela (PCV) e o Marea Socialista (“Maré Socialista”), se viram obrigados a se colocarem como oposição a Maduro. O PCV, inclusive, teve sua legenda roubada pelo chavismo, ao não querer se submeter ao partido do presidente, o Partido Socialista Unido da Venezuela (PSUV).

A oposição de esquerda, diante da perseguição, inabilitação e proscrição de dirigentes e partidos pelo regime, foi impedida de apresentar uma can-

didatura que representasse os direitos da classe trabalhadora. “Com esta fraude pretende, agora, perpetuar-se ilegitimamente no poder, desferindo um novo golpe nos direitos democráticos dos trabalhadores”, afirma nota da UST, sobre o 28 de julho.

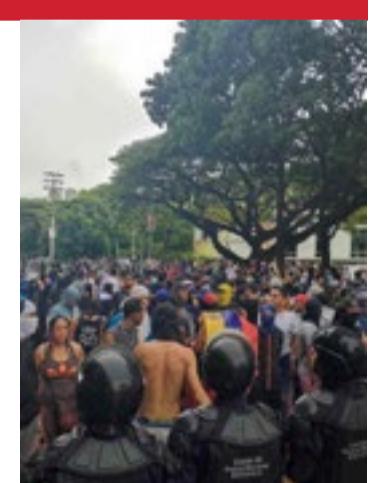
## TODO APOIO ÀS MANIFESTAÇÕES CONTRA A FRAUDE E A DITADURA CAPITALISTA

Ao contrário do que afirma a ditadura de Maduro e, também, grande parte da esquerda, os protestos na Venezuela não são um movimento orquestrado pelo imperialismo para dar um golpe no país. São mobilizações espontâneas, justamente contra o autogolpe do governo chavista, que exigem um direito democrático básico

que é o reconhecimento do resultado das urnas.

Como reconhece a UST, os mesmos trabalhadores e setores populares que estiveram nas ruas e derrotaram o golpe contra Chávez, em 2002, agora estão a favor da derrubada da ditadura de Maduro. A diferença é que, naquele momento, a esquerda, em peso, se unificou contra o golpe e ao lado dos trabalhadores. Agora, a maioria cerra fileiras com uma ditadura que persegue e reprime a população.

É preciso apoiar as mobilizações dos trabalhadores e do povo no país por liberdades democráticas e impulsionar a construção de uma alternativa independente da classe trabalhadora, como também aponta a UST: “É necessário unificar, aprofundar e fortale-



cer, de forma independente, as mobilizações, até a derrota da ditadura. Consideramos pertinente discutir democraticamente, nos setores populares e nos locais de trabalho, as ações a serem tomadas para continuar o processo de enfrentamento, manter as mobilizações de rua e construir uma greve geral para derrubar a ditadura”.

## FORÇAS ARMADAS E BOLIBURGUESIA

# Governo Maduro não tem nada de socialista: é uma ditadura capitalista



Ao jogar o peso da crise nas costas dos trabalhadores e do povo pobre, o governo Maduro provocou uma crise social sem precedentes. Um quarto da população, ou quase 8 milhões de venezuelanos, foram obrigados a deixar o país para sobreviver. As sanções dos imperialismos norte-americano e europeu, que devem ser denunciadas e combatidas, aprofundaram o caos que recai, principalmente, sobre a classe trabalhadora e os setores mais pobres. Tudo para manter um regime de exploração em prol das empresas privadas, das multinacionais e do rentismo.

Maduro, além de impor

uma brutal ditadura, ancorada nas Forças Armadas e na "boliburguesia", não é anti-imperialista, nem cumpre qualquer papel progressivo. Ao contrário, também quer aprofundar a semicolonização da Venezuela e entregar, ainda mais, as reservas do país aos imperialismos chinês e russo, que apoiam seu regime autoritário; mantendo, inclusive, o pagamento da dívida externa aos banqueiros estrangeiros, incluindo os norte-americanos, a atuação de multinacionais, como a petroleira Chevron, e avançando no desmantelamento e privatização das estatais.

## MARIA CORÍNA E EDMUNDO GONZÁLEZ

**Uma oposição burguesa, entreguista e subordinada aos EUA**

Não se deve dar nenhum apoio ou ter qualquer confiança na oposição burguesa de María Corina e Edmundo González. O programa da PUD tem o objetivo de aprofundar a entrega do país ao imperialismo norte-ameri-

cano e o processo de semicolonização da Venezuela.

Também é necessário rechaçar todo apelo a qualquer tipo de interferência imperialista, sob a suposta intenção de "resolver" a crise no país. E, mais ainda,

é preciso denunciar a hipocrisia do governo Biden. Os EUA não querem democracia e não estão preocupados com o povo venezuelano; mas, sim, querem colocar as mãos nas reservas minerais do país.

## ESQUERDA

**Apoio a Maduro fortalece a ultradireita**

O governo Lula, apesar da posição dúbia em relação a Maduro, exigindo transparência nas eleições, na prática, vem legitimando esse regime. A presença do assessor internacional Celso Amorim no país ajudou a confe-

rir uma cara de legalidade a um processo completamente fraudulento.

Já a esquerda que apoia o regime chavista o faz com o argumento de que é necessário lutar contra a extrema direita. O problema é que apoiar

Maduro é o que ajuda a fortalecer a extrema direita e a impulsionar seu discurso hipócrita, como estamos vendo no Brasil, onde o bolsonarismo tenta surfar de forma cínica a defesa das liberdades democráticas do povo venezuelano.

## QUEM É QUEM

**Nicolás Maduro**

Oriundo da burocracia sindical, Maduro foi aliado de primeira hora de Chávez. Fez parte da Constituinte chavista, em 1999, e foi eleito deputado da Assembleia Nacional, no ano seguinte, tendo presidido a Casa entre 2005 e 2007. Esteve à frente do Ministério das Relações Exteriores do governo e assumiu a vice-presidência, em 2012.

**Diosdado Cabello**

Apontado como o 2º nome do chavismo, depois de Maduro, sua trajetória expressa a "boliburguesia". Ex-militar, ocupou ministérios e presidiu a Assembleia Nacional, entre 2012 e 2016. Nesse período, adquiriu o controle de três bancos e várias empresas, principalmente as que mantêm negócios com estatais como a PDVSA (principal petrolífera do país).

**Maria Corina**

Principal líder da oposição burguesa, é herdeira de um grande empresário do aço. Foi deputada entre 2011 e 2014, ano em que ganhou projeção nacional nos protestos contra o governo. Apoiou o golpe de 2002, contra Chávez, e integra o partido de direita Vamos Venezuela (VV), integrante da Plataforma Democrática Unitária (PUD). Impedida de participar das eleições em julho, indicou Edmundo González como seu representante.

**PSUV**

O Partido Socialista Unido da Venezuela foi fundado em março de 2007, para reunir e tutelar o conjunto da esquerda, sob comando de Chávez. As organizações que não aderiram foram proscritas e seus dirigentes cassados, perseguidos e impedidos de disputar eleições.



# PERGUNTAS E RESPOSTAS SOBRE O CHAVISMO E A VENEZUELA

## A Venezuela é socialista?



O ex-tenente-coronel Hugo Chávez chegou ao poder através da via eleitoral, em 1998. Com um discurso de esquerda, falava sobre socialismo, tendo cunhado o termo “Socialismo do Século 21”, e até mesmo reivindicando Trotsky.

Tentava, assim, canalizar um espaço à esquerda diante da derrocada do neoliberalismo e da profunda crise social, política e econômica que atravessava o país.

Na prática, porém, nunca ameaçou o sistema capitalista, mantendo o domínio e a exploração das grandes empresas, inclusive das multinacionais, e pagando religiosamente a dívida externa aos banqueiros. A Venezuela continuou no papel de grande exportadora de petróleo, subordinada ao mercado internacional. O que Chávez fez foi substituir o domínio da velha burguesia venezuelana por um novo setor, advindo do chavismo e das Forças Armadas: a “boliburguesia”, que tem na figura de Diosdado Cabello seu principal representante. O aprofundamento da crise nos últimos anos revela o caráter capitalista do regime de Maduro. O governo atacou direitos e as condições de vida da maioria da população, em benefício das grandes empresas, das multinacionais e dos banqueiros.

## Maduro é anti-imperialista?



Apesar do discurso e de algumas rusgas, o governo Maduro nunca enfrentou o imperialismo. Reportagem do jornal “Financial Times”, no início do ano, inclusive,

revela que o imperialismo já previa a proclamação da vitória de Maduro e estava plenamente disposto a aceitá-la, desde que uma eventual fraude não fosse tão escancarada. Em seus anos de governo, Maduro nunca ameaçou as grandes empresas. Ao contrário, aprofundou as parcerias privadas, como no caso da petroleira norte-americana Chevron. Em abril deste ano, por exemplo, Maduro contratou o banco norte-americano Roths-

child para reestruturar sua dívida pública de 154 bilhões de dólares, nas mãos de investidores dos EUA, da Rússia e da China, dentre outros. O pagamento da dívida desencadeou uma leva de recentes ataques a direitos, cortes de salários e de programas sociais. O alinhamento aos imperialismos russo e chinês, que apoiam e ajudam a sustentar seu regime, por sua vez, não significa uma melhoria de vida para a população; mas, ao contrário, implica no aprofundamento da entrega do país e no saque de suas reservas minerais.

## O chavismo era progressivo e, agora, deixou de ser?



Desde seu início, o chavismo sempre foi um governo burguês e autoritário. O que ocorre é que Chávez surfou em uma conjuntura de “boom” das commodities, aproveitando a alta do petróleo no mercado internacional, para, garantindo os lucros das empresas, implementar alguns programas sociais que ajudaram a manter uma base social. Mas, mesmo as nacionalizações parciais foram realizadas mediante generosas indenizações, a preço de mercado.

Tão logo os ventos da economia mundial viraram, essas concessões parciais começaram a ser revertidas. Em 2013, Maduro assumiu o governo já numa conjuntura de crise. Ataques a direitos e privatizações foram as respostas do regime chavista, enquanto sua base social ruía. A manutenção do regime, então, foi garantida com base no aprofundamento da repressão e na perseguição à oposição. O chavismo, portanto, nunca teve qualquer caráter progressivo. Sempre significou governos capitalistas, subordinados aos diferentes imperialismos, e garantidos por um regime de exploração da classe trabalhadora, em favor dos lucros da burguesia.



## Quem é responsável pela crise na Venezuela?

As sanções dos EUA e da Europa prejudicam o país, sobretudo a população mais pobre,

e devem ser combatidas de forma incondicional. O imperialismo domina o mundo todo, inclusive os países da América do Sul, e querem todos de joelhos diante de seus interesses capitalistas. Mas, o que jogou e mantém o país na crise é a manutenção da subordinação da Venezuela, durante décadas de chavismo, ao mercado internacional e ao gerenciamento do capitalismo.

No final de 2022, por exemplo, o governo Biden afrouxou as sanções, enquanto Maduro avançava na dolarização da economia, sem que isso significasse qualquer mudança, de fato, na vida do povo.

Isso significa que, no vai-e-vem de sanções do imperialismo, a vida do povo continua piorando, chegando à dramática cifra de 80% da população em situação de pobreza (de acordo com a Pesquisa Nacional de Condições de Vida) e a uma diáspora que, desde 2013, reduziu em 11% a população no país.

## Ser contra o Maduro e a ditadura é igual a apoiar a burguesia ou o imperialismo?



Muitos afirmam que se colocar contra Maduro e a sua ditadura é fazer o jogo da direita. Mas ninguém ajuda mais o imperialismo e a burguesia do que um governo que mantém o capitalismo, promove a ditadura, a repressão e a violência contra os trabalhadores.

A impopularidade do governo Maduro e o desastre a qual o chavismo levou o país estão fazendo com que setores apoiados pelos EUA ganhem cada vez mais legitimidade na Venezuela. A alternativa para os trabalhadores venezuelanos passa por uma saída independente, contra os bilionários capitalistas da boliburguesia, que enriqueceram muito durante os governos de Maduro e Chávez, ligados ao imperialismo chinês e russo. E, também, contra os velhos representantes da elite venezuelana, vinculados ao imperialismo dos EUA. Este é único caminho para enfrentar os diferentes blocos burgueses e imperialistas na Venezuela que são quem fazem o jogo dos capitalistas.

SÃO JOSÉ DOS CAMPOS (SP)

# Após paralisação da fábrica, operários da GM conseguem dois meses de estabilidade



DA REDAÇÃO

**N**a sexta, dia 26, e na segunda, dia 29 de julho, os metalúrgicos da General Motors (GM) de São José dos Campos, em São Paulo, realizaram paralisações contra demissões e em defesa da estabilidade no emprego. A greve obrigou a GM a negociar com o Sindicato dos Metalúrgicos de São José dos Campos e Região (filiado à CSP-Conlutas).

Em mais de três horas de reunião com a GM, o sindicato cobrou estabilidade para todos, a reintegração dos demitidos e, se

os cortes fossem inevitáveis, a abertura de um Programa de Demissão Voluntária (PDV). A estabilidade está garantida até 30 de setembro.

Após a conquista da estabilidade, os operários e operárias da GM suspenderam o processo de paralisação. O estado de mobilização continua.

A luta segue. Recentemente, a montadora contratou 70 trabalhadores, o que deixa evidente que a estratégia da empresa passa pela demissão de funcionários com salários mais altos e contratação de outros, com salários meno-

res. As paralisações mostraram que não aceitaremos essa afronta feita pela GM. Como já é tradição na categoria, vamos nos manter unidos e organizados para lutar em defesa dos empregos”, afirma o presidente em exercício do sindicato, Valmir Mariano, militante do PSTU.

## PDV E ESTABILIDADE

O sindicato vai manter na pauta da campanha salarial a estabilidade, permanente, no emprego. Também continuará cobrando a abertura de PDV, como alternativa contra demissões.

“Agora, vamos jogar



Assembleia de metalúrgicos da GM

toda força na campanha salarial e pressionar a empresa para que nossas reivindicações sejam atendidas. A paralisação foi suspensa, mas a luta em defesa dos

empregos continua”, afirma Valmir Mariano.

A GM possui cerca de 3.100 trabalhadores e produz os modelos S10 e Trailblazer.

## ZONA SUL DE SÃO PAULO

# Metalúrgicos da MWM entram em greve contra precarização do plano de saúde



Metalúrgicos da MWM aprovam greve

Desde o final do mês passado, os trabalhadores e trabalhadoras da metalúrgica MWM, empresa localizada na Zona Sul de São Paulo, estão em luta por melhorias no convênio médico. No dia 29 de julho, realizaram assembleia e pararam o trabalho por algumas horas. Nessa assembleia, aprovaram entrar em greve por tempo indeterminado, a partir do dia 5 de agosto, caso a empresa não aceitasse a proposta. A MWM não atendeu a pauta e, assim, desde a última segunda-feira, os ope-

rários cruzaram os braços. Altino Prazeres, pré-candidato a prefeito pelo PSTU, esteve na porta da fábrica, levando o apoio aos grevistas. “Nesse momento de luta da classe trabalhadora contra os patrões, viemos trazer nosso apoio à greve. A empresa, que acumula lucros milionários com o trabalho dos operários, tenta promover um ataque covarde ao convênio médico. A greve é justa e nossa pré-candidatura e nosso partido, o PSTU, estarão à disposição dessa luta”, disse Altino.

“A política dos governos tem sido a precarização e a privatização do sistema de Saúde. O prefeito Ricardo Nunes (MDB) ampliou a terceirização através das Organizações Sociais, as chamadas OS’s. Nos últimos dias, o governo Lula promoveu um corte bilionário em gastos públicos. Cabe à classe trabalhadora lutar em defesa dos serviços públicos”, completou.

Quando fechávamos esta edição do Opinião Socialista, a direção da empresa mantinha um impasse nas negociações das pautas apresentadas como parte da campanha salarial. Os trabalhadores mantiveram a data da greve.

A proposta apresentada pela direção dos Correios é de aumento de 6,05%, a partir de janeiro de 2025, e reajuste de 4,11% nos benefícios, como vale-alimentação, a partir de agosto de 2024. A categoria rejeitou essa proposta. A realização de con-



curso público e mudanças no Plano de Saúde, pautas centrais apresentadas pelos trabalhadores e trabalhadoras, seguiam sem ser atendidas.

De acordo com Geraldinho Rodrigues, militante do PSTU e dirigente da Federação Nacional dos Trabalhadores dos Correios (Fentect), a paciência da categoria acabou. “O clima nas bases é de disposição de luta pelas reivindicações. O governo Lula não deu um passo para acabar com a política covarde das terceirizações nos Correios, que sonega direitos e atrasa salários e benefícios de parcela expressiva da classe trabalhadora. Assim como segue sem reverter ataques feitos no governo Bolsonaro, como em relação às férias dos trabalhadores”, disse.

Na última sexta-feira, dia 2, os trabalhadores do Rio Grande do Sul realizaram um dia de mobilização em preparação à greve nacional do dia 8. Em São Paulo, também houve um forte dia de paralisação, realizado na segunda-feira, dia 5.

MARXISMO

# O que é ser socialista hoje



 GUSTAVO MACHADO, DO CANAL  
"ORIENTAÇÃO MARXISTA"

**O**surgimento, na História, de socialistas e de movimentos socialistas não foi uma criação a partir do nada, por parte de idealistas e visionários, mas coincide com o amplo desenvolvimento do capitalismo. A desigualdade, a opressão e a dominação na relação entre os seres humanos não eram novidades. Apesar disso, pela primeira vez, a riqueza e a pobreza desenvolviam-se lado a lado, em máxima intensidade.

Um exemplo é a Inglaterra dos séculos 18 e 19 (ou seja, entre os anos 1700 e 1800). Esse país alcançou um nível de produção de riquezas jamais visto em toda História da humanidade até então. Era o país capitalista mais desenvolvido do mundo, o coração e o pulmão

de uma indústria que exportava seus produtos para a Índia e o Brasil, os Estados Unidos e a China. Apesar disso, não existia um país no mundo onde a classe operária industrial fosse tão numerosa quanto massacrada, com jornadas de trabalho extenuantes e mal remuneradas.

Um país onde conformaram-se os grandes centros urbanos em que, de um lado, tínhamos as Bolsas de Valores, os bairros regados pelo luxo de industriais, acionistas e executivos das empresas; enquanto, de outro, os operários e operárias industriais eram amontoados com condições de vida degradantes, sem que as necessidades mais básicas fossem atendidas.

Foi nesse cenário que a menção ao socialismo deixou de ser um episódio isolado para ganhar os holofotes

públicos. Muitos constataram o absurdo de uma sociedade em que a produção de riqueza é, ao mesmo tempo, a produção de pobreza, de embrutecimento, de degradação física e moral.

Surgiram, assim, teorias e movimentos dos mais variados, que se denominavam socialistas. Para todos eles, o ponto de partida foi a detecção desse problema social colossal e inquestionável. No entanto, como resolvê-lo? As respostas foram muitas.

#### OS TIPOS DE "SOCIALISMO"

Tínhamos os "socialistas utópicos", que construíam modelos de sociedades justas, baseadas em comunidades autossuficientes ou cooperativas de trabalhadores, como o francês Charles Fourier (1772-1837) e o galês Robert Owen (1771-1858). Já os "socialistas cris-

tãos" construíam instituições filantrópicas voltadas para ações de ajuda mútua e os chamados "socialistas reformadores" propunham alterações na sociedade capitalista, de modo a minar o avanço da desigualdade, como o suíço Jean de Sismondi (1773-1842) e o francês Pierre-Joseph Proudhon (1809-65)

E, ainda, existiam os revolucionários, como o também francês Louis-Auguste Blanqui (1805-81), que acreditavam que o principal problema era o regime político existente, corrupto e opressor, que, por isso mesmo, deveria ser imediatamente derrubado por um grupo secreto de revolucionário bem treinados, pondo fim ao que seria a raiz de todos esses males e contradições: o sistema político e o Estado.

Passado mais de um século do início desses movi-

mentos, nos dias de hoje, temos um dilema. Por um lado, muitos são aqueles que continuam a se identificar com o termo socialismo. E o motivo é óbvio. Os problemas anteriormente mencionados não apenas se mantêm, como se desenvolvem em uma escala cada vez maior. Ao lado dos problemas sociais clássicos, ligados à remuneração, ao emprego, à moradia etc., desenvolvem-se outros tantos, como a crise climática global e a ameaça de novas guerras de dimensões globais, ameaçando a existência da própria espécie humana.

Ao mesmo tempo, outros veem no socialismo uma ameaça ainda maior. Afinal, foi sob esse nome que não poucos governos foram erguidos no último século. Das sociais-democracias europeias ao "Socialismo do

Século 21”, de Hugo Chávez e Nicolás Maduro, na Venezuela. Mas, longe de avançar na solução dos problemas postos, eles se agravaram sob esses governos. Tivemos, ainda, a tentativa de construir o socialismo em um só país, sob controle de uma burocracia, como na ex-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas (URSS), Cuba etc.

#### O SURGIMENTO DO MARXISMO

Diante disto, muitos passaram a acreditar que o socialismo seria um ideal fadado ao fracasso e, no final das contas, redundaria em governos autoritários e no excesso de controle por parte de um Estado cada vez mais apartado da realidade da maioria.

Como consequência, hoje, muitos se refugiam em saídas meramente individuais, por vezes em um liberalismo extremo, que chega a postular um mercado capitalista sem Estado. Ou, então, em pautas particulares que problematizam corretamente, por exemplo, os problemas ambientais e as opressões de vários tipos, sem conectarlos com a forma de sociedade em que vivemos.

Os questionamentos são justos. Todas as tentativas de administrar o capitalismo por meio de um Estado mostraram-se, e mostram-se, a cada dia como impotentes. Mas, nem todo movimento socialista se baseou nessa dupla premissa: a criação idealista de uma sociedade do futuro ou a administração do capitalismo, por meio de políticas públicas.

Também no século 19, emergiu uma corrente socialista específica: o marxismo. Sua especificidade foi vincular a necessidade do socialismo às necessidades da classe trabalhadora, como estando conectadas uma na outra.

Aí, o socialismo que se propõe não é uma construção feita “de cima”, por meio de agentes sociais benfeiteiros; mas exige uma reconfiguração completa da sociedade, pondo fim à sociedade capitalista, a partir do seu produto mais genuíno: a classe trabalhadora.

Esse movimento partiu de um estudo científico da sociedade capitalista, demonstrando que a saída proposta não é uma possibilidade dentre outras, mas a única possível. O mercado capitalista é incontrolável e o Estado que lhe corresponde está totalmente subordinado a ele,



#### “A REALIDADE ATUAL EXIGE UMA REVOLUÇÃO COMPLETA NA FORMA DE SOCIEDADE”

tendo estreitos limites de intervenção. Esse Estado não é neutro, mas, enquanto uma parte ineliminável dessa sociedade, a legitima e perpetua a divisão dos indivíduos em classes cada vez mais desiguais. Por que é assim?

#### O CAPITALISMO

O mercado capitalista move-se por meio de umas poucas centenas de empresas globais, sediadas em alguns poucos países dominantes, em um sistema imperialista mundial. O movimento do mercado capitalista é um movimento cego e incontro-

ável. O que cada empresa individual deve e necessita fazer, para se expandir e elevar seus lucros, jamais coincide com as necessidades da sociedade em seu conjunto e nem mesmo com as necessidades das demais empresas.

Para elevar seus lucros, cada empresa utiliza as novas tecnologias para demitir o máximo possível de trabalhadores, reduzindo, assim, seus custos e elevando os seus lucros. Quando as mercadorias são barateadas pelo desenvolvimento tecnológico, procuram reduzir os salários com o mesmo objetivo. Uma empresa eficiente é a que gasta o mínimo possível.

Acontece que são esses mesmos trabalhadores que irão comprar quase toda a riqueza produzida e uma massa de trabalhadores desempregados, informais e sem emprego, pouco ou nada podem comprar. No fim das contas, para crescerem e se expandirem, as próprias empresas minam a base de sua expansão. Como cada empresa visa elevar seus lucros o mais rápido possível, as condições naturais e ambientais são ignoradas, sejam quais

forem os efeitos de médio e longo prazo.

Uma disputa por mercados mundiais se instaura entre os capitais que não mais conseguem se expandir, mas precisam se expandir para sobreviver.

Afinal, o mais ostentador dos proprietários não conseguiria gastar em seu consumo próprio nem sequer 1% dos lucros bilionários que extraem todos os anos de uma massa de centenas de milhares de trabalhadores. Com isso, agravam o problema ao procurarem elevar ainda mais a exploração de seus trabalhadores, ancorando-se em diversas formas de opressão: de gênero, raça-ética, nacionalidade, orientação sexual etc.

A última válvula de escape é o Estado. Uma primeira saída é expandir o capital para o setor público, privatizando empresas estatais que já existem. Mas, não adianta se expandir se, em cada mercado, temos cada vez menos compradores: a massa de trabalhadores dia após dia assolada por esse processo.

É aí que o Estado entra como um dos principais compradores das empresas privadas por meio do gasto público. E não para por aí. Quando não há possibilidade alguma de expansão, os capitalistas colocam, ainda, seus capitais no Estado na forma de títulos públicos, recebendo os juros

às custas da sociedade inteira.

Mas essa saída é como tapar o sol com a peneira. Seu alcance é limitado. O Estado extrai sua riqueza da enorme massa de trabalhadores, cuja renda cai dia após dia, e, em menor parte, dessas mesmas empresas capitalistas que não mais conseguem se expandir. Ele apenas prenuncia uma explosão ainda maior.

Torna-se evidente, então, porque o socialismo que se apoia no Estado e em seus governos para gerir o capitalismo fracassou no passado e continuará a fracassar no futuro. Independente das intenções dos governantes, o Estado está organicamente conectado ao capital privado e os espaços de intervenção que ele oferece são mínimos. No lugar de serem progressistas e o mal menor, governos mais ou menos intervencionistas se alternam conforme as necessidades de valorização do próprio capital.

#### NECESSIDADE DO SOCIALISMO

Hoje, mais ainda do que no passado, é necessário ser socialista. A realidade atual exige uma revolução completa na forma de sociedade. Mas, não adianta dar murro em ponta de faca. O verdadeiro socialismo do século 21 é aquele que se apoia na única elaboração que sobreviveu a todo esse vai e vem, esse frenesi.

É necessário organizar a classe trabalhadora de forma independente, não para eleger esse ou aquele governo de plantão, supostamente socialista, mas para que trabalhadores e trabalhadoras sejam sujeitos do processo.

São eles e elas que devem se organizar e tomar o poder de modo a constituir, de forma independente e democraticamente, o seu próprio Estado, destruindo o anterior, com o objetivo de reconfigurar a sociedade sob novas bases. Que devem colocar a tecnologia ou todo o desenvolvimento acumulado por milênios pela humanidade a serviço de seus próprios interesses e necessidades, de modo planejado, consciente, democrático e racional.

Diante de toda experiência histórica, hoje, esse é o único socialismo pelo qual vale a pena lutar. Ou melhor, pelo qual é necessário lutar.



ORIENTE MÉDIO

# Assassinatos de Haniyeh e Shukr: Israel prepara agressão ao Líbano e ao Irã



FÁBIO BOSCO,  
DE SÃO PAULO (SP)

No dia 31 de julho, o Estado de Israel assassinou o principal dirigente do Hamas, Ismail Haniyeh, em Teerã, capital do Irã, onde ele estava para participar da posse do novo presidente do país. No dia anterior, o dirigente do Hezbollah, Fuad Shukr, havia sido assassinado por um míssil israelense em Dahye, bairro de maioria xiita, em Beirute, no Líbano, onde vivem muitos integrantes do Hezbollah.

Os dois assassinatos têm como objetivo expandir a agressão israelense para o Líbano e para o Irã, e, ao mesmo tempo, manter a agressão genocida em Gaza e na Cisjordânia para esvaziaria crise interna israelense e salvar o governo de Benjamin Netanyahu.

## CRISE ISRAELENSE DEU UM SALTO APÓS O “7 DE OUTUBRO”

O Estado de Israel já vivia importantes crises, econômica e política, antes de 7 de outubro de 2023. Por um lado, a economia está em crise desde o início de 2023, dentre outros motivos pela fuga de capitais das áreas de tecnologia. Por outro lado, a Reforma Judicial imposta pelo governo Netanyahu teve a oposição de amplos setores sionistas liberais, incluindo desde capitalistas até setores das Forças Armadas, do Mossad (serviço secreto e “operações especiais”), do Shin Bet (segurança interna) e da burocracia estatal.

A partir da ação da resistência palestina liderada pelo Hamas, no dia 7 de outubro, e até os dias de hoje, novas crises se somaram às anteriores.

A primeira crise está relacionada com a perda de cre-



Foto Joe Catton



dibilidade do Estado de Israel e do governo Netanyahu frente à população judia israelense, que entendeu que o discurso de “segurança” é uma fraude e se mobiliza para exigir eleições para derrubar o governo.

A segunda crise está relacionada com o esforço de guerra. O prolongamento do genocídio em Gaza tem forte impacto na economia, tanto pelos custos como pela mobilização de reservistas.

Sob pressão das Forças Armadas e da população, o governo iniciou a convocação de integrantes da comunidade Hare-

dim (judeus ultraortodoxos) para prestar serviço militar. Os Haredim estão se mobilizando contra a convocação e enfrentam forte repressão policial. É importante ter em conta que os dois partidos que representam os Haredim integram o governo Netanyahu e a saída deles pode levar à queda do governo.

## HEROICA RESISTÊNCIA PALESTINA ACENTUA A CRISE DO SIONISMO

Outro fator que afeta a mobilização de soldados é a resistência palestina em

Gaza. Apesar do genocídio em curso, no qual mais de 40 mil palestinos foram assassinados (número que pode chegar a 186 mil, segundo a revista britânica “The Lancet”, especializada em questões de Saúde) e 70% de todas as edificações de Gaza (residências, escolas, hospitais, comércio etc.) foram destruídas, as forças da resistência palestina operam ações de guerrilha contra as forças israelenses e mantêm oito presos, há 300 dias, mais de 100 presos israelenses.

A questão dos presos israelenses nos remete à terceira crise: os familiares dos presos israelenses apoiaram o genocídio, acreditando que os presos seriam libertados. Hoje, no entanto, os familiares se mobilizam contra o governo Netanyahu, exigindo um cessar-fogo imediato para garantir a libertação dos presos. Suas mobilizações têm crescido a cada sema-

na e se tornaram populares, apesar da repressão policial.

Por fim, há a crise com a extrema direita fascista sionista. Recentemente, uma turba liderada por integrantes do governo e membros do Parlamento invadiram o campo militar israelense de Sde Teman, para libertar nove soldados israelenses presos por tortura bárbara e estupro de prisioneiros palestinos de Gaza. Isto levou a um conflito entre o chefe militar e os ministros fascistas-sionistas. Há uma campanha em curso para exigir investigações independentes sobre estes casos de tortura e estupro.

Para tentar escapar dessa crise multifacetada, Netanyahu tem lançado ataques assassinos nas capitais do Líbano e do Irã, para provocar uma guerra generalizada e arrastar o imperialismo em sua defesa militar, além de evitar qualquer tipo de cessar-fogo em Gaza e ganhar uma sobrevida.

**“ OS ATAQUES ASSASSINOS DE NETANYAHU NO LÍBANO E NO IRÃ VISAM PROVOCAR UMA GUERRA GENERALIZADA E ARRATAR O IMPERIALISMO EM SUA DEFESA MILITAR, GARANTINDO SOBREVIDA AO GOVERNO ISRAELENSE E EVITANDO QUALQUER CESSAR-FOGO EM GAZA ”**

CRISE

# Os imperialismos em vias de serem arrastados para a guerra regional a contragosto

Os imperialismos (estadunidense, europeu, japonês, chinês e russo) não querem a expansão da agressão militar israelense, por questões econômicas e de estabilidade social.

A agressão israelense atingirá a economia mundial devido ao aumento do preço do petróleo e à interrupção do tráfego comercial no Mar Vermelho, uma das mais importantes rotas marítimas do mundo. Além disso, pode abrir caminho a uma onda de radicalização anti-imperialista, antissionista e democrática de massas, que ameace toda a ordem regional.

No entanto, o enfraquecimento do imperialismo dominante (dos Estados Unidos), particularmente num momento de eleições nacionais polarizadas, possibilita a Netanyahu incendiar o Oriente Médio e tentar arrastar os EUA e, possivelmente, o imperialismo europeu para a defesa militar de Israel, da mesma forma que os Estados Unidos e o Reino Unido fazem contra os Houthis, no Iêmen.

## O REGIME IRANIANO E O Hezbollah NÃO QUEREM GUERRA

O regime iraniano e o Hezbollah já demonstraram, por palavras e ações, sua

oposição a um conflito militar generalizado com Israel. No entanto, o assassinato de Ismail Haniyeh e Fuad Shukr os obrigam a dar alguma resposta. Qualquer resposta, por mais contida que seja, como tem sido até agora, pode servir de motivo para Israel iniciar uma agressão generalizada.

## HAMAS QUER O CESSAR-FOGO PERMANENTE E A AUTORIDADE PALESTINA QUER GAZA

O Hamas quer um cessar-fogo permanente como pré-condição para a troca de prisioneiros. No longo prazo, ao contrário do que a mídia imperialista informa, o Hamas não propõe a destruição do Estado de Israel; mas, sim, uma "hudna" (palavra árabe para "trégua") de 20 ou 30 anos entre o Estado de Israel e um mini-Estado palestino, sem o reconhecimento formal mútuo. Isto possibilitaria a reconstrução de Gaza e o fortalecimento do Hamas.

Já a Autoridade Nacional Palestina (ANP), controlada pelo partido palestino Fatah, quer assumir o controle em Gaza, no lugar do Hamas, e formar um mini-Estado palestino, em cooperação de segurança com o Estado de Israel. Seu principal compe-



Forças armadas de Israel (IDF)

tidor é o milionário (e criminoso) palestino Mohammad Dahlan, que é apoiado pelos Emirados Árabes para governar Gaza, liderando tropas estrangeiras.

As principais organizações da esquerda palestina – Frente Popular para a Libertação da Palestina (FPLP), Frente Democrática para a Libertação da Palestina (FDLP) e Partido do Povo – capitulam aos regimes árabes e ao chamado "Eixo da Resistência", liderado pelo Irã e pelo Hezbollah. E, na Palestina, se dividem entre o apoio à ANP (sob a alegação de defesa do secularismo), ao Hamas ou à uma posição autoproclamatória de oposição à ambos.



Fuad Shukr



## DO RIO AO MAR

# Avançar na solidariedade rumo a uma Palestina livre

Não está claro se Israel conseguirá arrastar o Irã e o Hezbollah para uma guerra contra o desejo de seus líderes. É possível que o líder iraniano Ayatollah Khamenei e o líder do Hezbollah, Hassan Nasrallah, engulam todas as provocações israelenses, sem reação proporcional, como têm feito até agora. De qualquer forma, nós nos opomos a qualquer agressão is-

raelense, seja dentro ou fora da Palestina.

Ao mesmo tempo, defendemos uma solidariedade ativa, inclusive militar, com os palestinos. Infelizmente, a única força árabe que constrói uma solidariedade efetiva são os iemenitas Houthis.

Em caso de guerra entre Israel e o Irã ou o Hezbollah, estaremos no campo militar libanês e iraniano para derrotar Israel.

No entanto, não podemos colocar todas nossas esperanças nessas organizações e regimes burgueses. É necessário impulsionar a organização independente, da classe trabalhadora palestina e árabe, para lutar pelo fim do Estado de Israel, pela libertação da Palestina, do rio ao mar, e pela derrubada dos regimes autocráticos árabes, rumo a uma Federação Socialista de Países Árabes.

# As Olímpiadas de Paris em cena



WILSON H. SILVA,  
DA REDAÇÃO

**A**companhar as Olimpíadas é literalmente inevitável. E não só pelo bombardeio midiático. Afinal, não é preciso sequer ser amante dos esportes para reconhecer que os Jogos concentram quem e o que há de melhor no universo esportivo e para vibrar e se emocionar com desempenhos que são demonstrações, muitas vezes espetaculares, da capacidade humana em superar seus limites e atingir objetivos em base à atuação coletiva ou à dedicação e ao treino.

Já escrever sobre o tema, contudo, são “outros 500”. Primeiro, porque as Olimpíadas, diferentemente de seu suposto significado na Grécia Antiga, pra nada significam um intervalo nos conflitos e contradições que varrem o “mundo real”. Pelo contrário. Os Jogos também são contaminados pelas mazelas do capitalismo e pela profunda polarização que tem caracterizado a atual crise do sistema.

## NA LARGADA, NÃO FALTARAM PROTESTOS

Assim como todas edições anteriores, a preparação de Paris para as Olimpíadas foi marcada por protestos e graves, que denunciaram falcatruas financeiras, desvio de verbas e, principalmente, superexploração da mão de obra. E, em função disso, às vésperas da abertura dos Jogos, por exemplo, houve movimentos grevistas nos aeroportos e serviços públicos.

Contudo, a situação mais grave se deu entre os milhares



Rebeca Andrade

e milhares de “imigrantes sem documentos” que trabalharam nas obras submetidos a jornadas extenuantes, expostos a enormes riscos, sem pagamento de horas extras, sem vale-refeição ou quaisquer outros direitos trabalhistas.

## HIPOCRISIA À TODA PROVA

Por isso mesmo, as contradições em Paris vieram à tona já na cerimônia de abertura, quando, tentando vender o país como berço e guardião eterno dos desde sempre falsos ideais burgueses de “igualdade, liberdade e fraternidade”, as autoridades francesas “permitiram” a encenação de um espetáculo que acabou escancarando a enorme polarização alimentada pela crise do sistema, cada vez mais evidente na própria França e no resto da Europa.

De cara, tiveram que engolir uma inesperada homenagem

da delegação da Argélia, que jogou rosas no Rio Sena, lembrando as centenas de argelinos que, em 1961, foram “desaparecidos” nas águas que cortam a cidade por estarem lutando contra o imperialismo francês.

Na sequência, ainda tiveram que lidar com protestos mundo afora por parte da ultradireita que se escandalizou com a celebração de diversidade e liberdade que saltou das entrelinhas de apresentações repletas de negros e negras, imigrantes, mulheres e LGBTI+.

Nada muito “revolucionário”. Apenas demonstrações de como a Arte, com o mínimo de independência e criatividade, pode questionar a ordem das coisas. Exemplo disto foi a apresentação, ao lado da oficialíssima Guarda Republicana, de Aya Nakamura, nascida no Mali e que acumula o título de voz francesa mais conhecida fora do país e da mulher que mais sofre ataques racistas e machistas nas redes sociais. Ou, ainda, a ousadia de colocar uma negra como porta-voz do Hino Nacional francês.

## DESSACRALIZANDO A HISTÓRIA

Contudo, na abertura, a cena que acabou despertando mais ódio dentre os reacionários, fundamentalistas e conservadores foi uma sacudida mescla de desfile e baile protagonizada por homens e

mulheres de várias etnias, a maioria transexuais e “drag queens”, que, de forma nada sutil, assumiram as posições dos personagens de “A última ceia” (Leonardo da Vinci, 1495), encenando um “banquete dionisíaco”, ou seja,

em homenagem ao deus grego da festa e do prazer.

Diante da polêmica, até o criador do espetáculo tentou sair pela tangente, afirmando que se inspirou no quadro “Festa dos Deuses” (1635), de Jan Harmensz van Bijlert, quando se sabe que, na verdade, o pintor holandês já havia se remetido à obra de Leonardo, a qual, por sua vez, já na sua época, era um questionamento aberto dos dogmas cristãos, pura e simplesmente por apresentar os personagens da Ceia de forma naturalista, cheios de sentimentos e emoções humanas, e pintados em base ao conhecimento científico e não como pura e simples demonstração da fé.

As denúncias de que a performance foi um ataque inaceitável ao cristianismo é revelador da hipocrisia que brota das ideologias opressivas e como elas se entrelaçam com o discurso imperialista: tratar as manifestações (“mundanas” ou “sagradas”) das culturas “dominantes” como intocáveis e dignas de respeito cego, enquanto as dos povos originários e não-brancos podem ser destruídas, invisibilizadas e, de fato, atacadas, sem dó nem piedade.

## MULHERES NEGRAS FAZENDO HISTÓRIA

Mas, no que se refere ao questionamento da ordem, não há como não se mencionar as cenas protagonizadas particularmente pelas mulheres negras. Exemplo disto, mais do que a “reveleância” das norte-américa-

nas Simone Biles e Jordan Chiles a Rebeca Andrade, foi vê-las de mãos dadas, no pódio, numa cena inédita e comovente

exatamente pelo reconhecimento mútuo do significado desta conquista, que teve gostinho de tapa na cara dos racistas.

E o que dizer, então, da judoca Bia Souza detonando uma sionista, membro das famigeradas Forças de Defesa Israelense, que sequer deveria estar nas Olimpíadas, em função de representar um Estado racista e genocida, assim como aconteceu com a África do Sul, por 28 anos?

Ou, ainda, como não saudar a boxeadora argelina Imane Khelif, considerada intersexo (ou seja, com características biológicas de ambos os gêneros), que atacada como transgênero, derrubou uma adversária após a outra, desafiando o discurso de ódio, inclusive de Giorgia Meloni, Primeira-Ministra italiana, e do asqueroso Donald Trump?

Muitos outros exemplos poderiam ser dados e merecem ser celebrados. Mas, também, sem ilusões. Sabemos que a trajetória destas mulheres, como de tantos outros desportistas que saíram das periferias do mundo, são exceções à regra, já que, para a maioria da humanidade, ser “vitorioso”, hoje em dia, principalmente sendo não-branco e periférico, é ter um prato de comida na mesa, um emprego, moradia, acesso à Educação e à Saúde ou não ser discriminado ou assassinado ao pôr os pés na rua.

Contradições à parte, as Olimpíadas são exemplares, sim, do gigantesco potencial dos seres humanos. Um potencial que, contudo, só poderá ser plenamente desenvolvido num mundo onde diferenças e desigualdades também não afetem o direito à prática esportiva.



Bia Souza